

A Globalização e a África (colaboração de Abdu Ferraz)

A juventude africana sabe, percebe e vive a cruel realidade. Os novos intelectuais africanos percebem o cenário e se lembram de sua história; "só que agora será uma nova revolução, nosso exercito será a arte, a literatura e a música. Podemos não ter distribuidoras, mas o bom gosto os fará nossos consumidores".

Hoje, as correntes silenciosas e velozes do mundo globalizado penalizam as nações africanas, fazendo-as subúrbio (favelas) do mesmo mundo. Sua juventude ainda sonha com uma África reconciliada, unida e progressista, enquanto que seus governantes, o máximo que podem sonhar é com uma coleira dourada da alienação ou com o luxuoso túmulo.

A juventude se dispersa pelo mundo afora; uns perdem suas reais identidades, outros se envergonham da África, alguns aproveitam a paz que os países oferecem para desenvolver a arte, literatura e o novo pensamento africano (resgatar e estruturar a política africana); mesmo estando eles nos centros da globalização.

Aproveito aqui para lembrar que a globalização precisa mais da identidade dos povos mais do que os povos precisariam dela e que ela não extingue cultura alguma, apenas as absorve para sua sobrevivência e expansão; portanto, ela expande e não extingue as culturas.

Isto é, a globalização existe enquanto existirem culturas diferentes que possam ser percebidas num mesmo espaço; considerando que os mercados existem em função da oferta e da demanda e que a oferta e a demanda são em parte reflexos de hábitos e costumes, portanto cultura de um povo, caracterizando assim o perfil do consumidor.

No mundo globalizado, os costumes, devido às influencias das mais diversas culturas que a compõem, e o comportamento dos consumidores se alteram constantemente e bem antes destas alterações já lhes são ofertados um outro produto; quando uma parte de ofertantes não conseguem antecipar ou acompanhar as mudanças (novos valores / novos hábitos e costumes) do consumidor, a justiça do mesmo mercado os condena ao fracasso /falência (eis a necessidade de inovar o conceito de trabalho e mercadoria).

Continuando no que diz respeito a África, neste caso a África e a Globalização bem como seus conflitos, percebe-se que enquanto ela tiver uma cultura própria, é em si um dos mais caros e preciosos produtos do novo mercado: o turismo. O turismo além de ser ecologia é também uma industria de paz. porém, durante o mercantilismo a África perdeu os melhores filhos, os homens que faziam a manutenção de sua cultura.

Metade da sua cultura foi transferida para as Américas onde só sobreviveu um terço da mesma. E para suprir o vazio cultural, os jovens africanos hospedados nas Américas tem a obrigação de registrar os elementos da sua cultura presente em tais nações de modo a levá-los de volta a África. Este seria o verdadeiro sentido do retorno a África.

Pensadores Africanos (colaboração de Abdu Ferraz)

O conceito de governo destes revolucionários está relativamente ligado ao dos opressores colonizadores, precisamente no que diz respeito a manutenção do poder. Talvez porque tenham sofrido humilhações dos colonizadores, limitando assim suas revoluções em expulsá-los, quando deveriam dar seqüência a mesma revolução na elaboração de uma idéia nacionalista, cidadãos/ filhos da mesma nação. Em parte, não foi possível, por estas revoluções terem sido atreladas (alienadas) à guerra fria. Não se deve negar ou ocultar a plena participação dos africanos nas revoluções de independência; a menos que se queira omitir a capacidade de liderança do homem negro. Existiu uma multidão de lideres e intelectuais, destacando-se aqui personalidades como: Senghor, N'Krumah, Nyerer, Kenyatta, Baigny, Lumumba, Cabral e Neto (lideres africanos).

Senghor, senegalês, desde seus primeiros escritos, no final dos anos trinta, até sua ascensão à chefia do estado Senegalês na década de 60, sempre se manteve coerente com a idéia de colaboração com as potências ocidentais em geral e com a França em particular.

Exaltou os valores da civilização africana tradicional, ponto de partida para fazer da negritude a principal palavra de ordem, em função da qual se constituiria seu ideário político do socialismo - negritude.

As idéias de Senghor são criticadas por Amílcar Cabral, ligado a um processo de luta anticolonial mais profundo que o de Senegal (o da África de expressão portuguesa). Foi claro e feliz ao afirmar que a independência nacional é sinônimo de transformações das estruturas globais (a África não é uma parte isolada, faz parte do todo).

Cabral (morto um ano antes da independência de Quine Bissau) estava prevendo o jugo da alienação política do continente e para reforçar sua idéia acrescenta:

a) Uma revolução socialista não é necessária à África, pois o socialismo já é um fato milenar no continente e se apresenta mais eficaz que aquele projetado por Marx;

b) Capitalismo é um elemento alheio à África, tendo sido imposto pelo processo colonial;

c) socialismo autóctone deve ser um dos elementos sobre os quais a África independente tem de se basear.

Senghor aceitava o capitalismo como etapa necessária para elevar os níveis de vida da população e defendia a livre concorrência e o diálogo entre patrões e empregados como mecanismo de manutenção da paz social, ficando patente a aceitação do esquema clássico da divisão neocolonialista do trabalho na África. Em síntese, valoriza e idealiza ao extremo a África Tradicional, mas também legitima um projeto de completa subordinação e dependência em relação às ex- metrópoles imperialistas; essa é a própria falácia da Negritude de Leopold Senghor.

Começando de Senghor, N'Krumah, Nyerer, Kenyatta até Baigny com exceção de Lumumba, Cabral e Neto, suas diferenças de pensamento eram praticamente insignificantes. Já Patrice Lumumba (líder pela independência do Zaire/1960) se diferencia. quando em seus discursos fala em pintar um quadro socialista em cores africanas e troca o conceito negritude por africanidade; dizendo que "africanidade é a nossa identidade" - não é o ser negro que nos faz africanos mas o amor que temos por ela. Mas, para seu idealismo faltou capital intelectual para sua manutenção; não resistiu às correntes separatistas que o derrubaram e o mataram; substituído por Mobuto, cuja filosofia foi igual a de Senghor, o país viveu trinta anos de retrocesso.

Patrice Lumumba (líder pela independência do Zaire/1960) se diferencia quando em seus discursos fala em pintar um quadro socialista em cores africanas e troca o conceito negritude por africanidade; dizendo que "africanidade é a nossa identidade" - não é o ser negro que nos faz africanos mas o amor que temos por ela. Mas, para seu idealismo faltou capital intelectual para sua manutenção; não resistiu às correntes separatistas que o derrubaram e o mataram; substituído por Mobuto, cuja filosofia foi igual a de Senghor, o país viveu trinta anos de retrocesso.

O mesmo problema vivido por Lumumba com a escassez de intelectuais foi e é vivido por muitos outros líderes africanos; muitas das vezes a própria intelectualidade os afasta de seu povo, podendo assim, serem entendidos pelos seus opressores e não pelo povo e, facilmente são impedidos de qualquer reforma. Estes líderes solitários acabam facilmente sendo mortos ou seus governos são constantemente molestados por guerrilheiros, naturalmente separatistas.

Agostinho Neto (colaboração de Abdu Ferraz)

Agostinho Neto, formado em Medicina (Lisboa), foi um dos mais polêmicos intelectuais africanos na década de 70; liderou o Movimento Popular de Libertação de Angola _MPLA; adepto de Marx, definiu suas diretrizes de governo com base no Marxismo Leninista. Porém, abraçava os princípios de Lumumba e de Cabral. Uma das suas virtudes era o sofisma (o mais importante é resolver o problema do povo e o povo é o MPLA e o MPLA é o povo) _ deixando subentendido que sua prioridade era estruturar o governo (estado). O governo estruturado, imediatamente o povo estaria também, esquecendo-se que os problemas do governo nunca foram os mesmos que os de sua gente. Mesmo que tais problemas nos afetem, em circunstância nenhuma deveriam ser identificados como sendo do povo (as reformas ou surgem do governo ou do povo; mas nunca aconteceu de juntos o fazerem).